

Restringir o telemóvel em todas as escolas? Sim, e já

João Miguel Tavares, 16 de setembro de 2023

Levo 20 anos como pai, acertando nalgumas coisas e falhando noutras, como toda a gente. Mas há uma frustração que me tem acompanhado ao longo destes anos: nunca fui capaz de encontrar uma boa solução para o problema do uso do telemóvel por parte dos miúdos. Não foi por falta de interesse, nem de reflexão, nem de regras impostas, nem de experiências tentadas. Foi mesmo por incapacidade em lidar com o telemóvel na sua versão *smartphone*, ou seja, quando deixou de ser apenas um objecto de comunicação e divertimento e se transformou num meio privilegiado de socialização entre crianças e adolescentes.

A partir desse momento, o vício do telemóvel passou de actividade individual para actividade colectiva, ainda que diferida. Se na era dos jogos era sempre possível enfiar a consola no armário, hoje a proibição total do telemóvel implica o corte de comunicação com toda a rede de amigos de um adolescente. E, assim, aquele clássico castigo que antigamente pretendia impedir um isolamento excessivo (“larga isso e vai divertir-te com os teus amigos”), hoje é um castigo que conduz a um maior isolamento (o “largar isso” é deixar de poder comunicar com os amigos). Às vezes tem de ser feito, claro está, porque todos os limites foram ultrapassados. Mas é uma proibição de cuja eficácia continuo a suspeitar.

Em teoria, há boas soluções, que passam pelo autocontrolo, por regras claras e por um convite ao uso moderado do telemóvel. Infelizmente, de boas teorias está o Inferno cheio – é a prática que lixa tudo, porque os miúdos são muito diferentes entre si e o que funciona para uns não funciona para outros. O *smartphone* é um bicho difícil de domar até por nós, adultos, e temo que daqui a 20 ou 30 anos os pais do futuro olhem para nós como autênticos selvagens da tecnologia, que permitiam coisas inconcebíveis aos seus filhos. Como sou dotado de um temperamento liberal, e porque sei que houve épocas em que se dizia que o excesso de televisão ia dar cabo das crianças (que éramos nós), ou que a leitura de livros de BD ia corromper irreversivelmente a juventude, devo dizer que sou muito pouco dado a discursos apocalípticos. Com telemóvel ou sem ele, os miúdos continuarão a crescer, a fazer amigos, a apaixonar-se, a casar-se, e um dia queixar-se-ão dos seus filhos como nós nos queixamos deles. Mas a minha frustração de pai permanece. E se este é um assunto sobre o qual tenho poucas certezas, há pelo menos uma que já tenho, ao fim de duas décadas de paternidade: o uso do telemóvel nas escolas deve ser muitíssimo limitado.

O PÚBLICO contou-nos que o Ministério da Educação pediu um parecer sobre o tema ao Conselho das Escolas, após uma petição de 19 mil assinaturas exigindo restrições generalizadas. A notícia citava o exemplo do Agrupamento de Escolas Gil Vicente, em Lisboa, onde o regresso às aulas se fará com uma “nova política no uso de tecnologia”, após auscultada a comunidade: interdição total do uso do telemóvel na escola até ao 9.º ano e desaconselhamento do seu uso pelos alunos do secundário. Razões: *cyberbullying*, visualização de conteúdos impróprios, dependência de ecrãs nos recreios, diminuição da actividade física, falta de interacção com os pares, já para não falar dos casos incompreensíveis em que são permitidos telemóveis dentro das próprias salas de aula. Espero que o exemplo deste agrupamento se espalhe rapidamente pelo país. É uma medida sensata e necessária, que há muito devia estar em vigor

<https://www.publico.pt/2023/09/16/opiniao/opiniao/restringir-telemovel-escolas-sim-ja-2063485>